

PEDAGOGIA PÚBLICA DO DISCURSO FEMININO, OU COMO LEMOS "FUI ABUSADA"

Catarina Dallapicula

Este artigo foi motivado por uma onda de comentários, paródias e piadas que invadiram redes sociais, produções midiáticas e conversas cotidianas no final do mês de maio de 2012 sobre temas ligados à violência contra a mulher, papel de gênero feminino e direito ao discurso a partir de dois eventos daquele mês. O primeiro foi o depoimento da apresentadora de televisão Xuxa a um telejornal de grande audiência em rede nacional, em que declarou ter sido vítima de abuso sexual durante sua infância. O segundo evento foi a Marcha das Vadias, uma manifestação de repúdio à violência contra a mulher que aconteceu em diversas cidades do país e do mundo. As diversas produções midiáticas e comentários postados em redes sociais e vídeos ligados a esses eventos tomaram como temas chave questões ligadas à veracidade de denúncias de abuso feminino, supostos interesses outros daquela que declara ter sido abusada, neste caso uma celebridade, comportamentos femininos que “provocam” estupros e são considerados adequados ou não, direito à denúncia relacionado ao delatar o autor e ao tempo transcorrido a partir da violência sofrida, dentre outros. Buscamos problematizar a situação imagética do ser mulher na sociedade brasileira e os efeitos de discurso que esta provoca enquanto pedagogia pública (Giroux, 2011) a partir de uma leitura crítica de comentários a vídeos postados no YouTube por anônimos e outros feitos na mídia por jornalistas e celebridades tanto narrando ou parodiando, quanto comentando estes fatos. Com essa leitura crítica podemos perceber indícios de crenças sobre papéis femininos e não-femininos, que entrecortam narrativas potencializadoras de valorização ou descrédito da voz feminina e da luta pelos seus direitos, em prol de uma manutenção do status quo heteronormativo. A partir dos Estudos Culturais e da teoria crítica, percebemos o discurso midiático enquanto aparato cultural constituinte de um currículo social negociado pelos sujeitos a partir de seus saberes-fazer, sendo utilizado tanto para conformar o que parece um efeito hegemônico de verdade quanto para questioná-lo e desconstruí-lo.

Palavras-chave: estudos culturais, currículo, pedagogia pública, narrativas femininas.